



Judá sob os Assírios: o cerco de Senaqueribe a Jerusalém em 701 AEC

Judah under the Assyrians: Sennacherib's siege of Jerusalem in 701 BCE

Gabriella Barbosa Rodrigues*

Resumo

O cerco de Senaqueribe a Jerusalém em 701 AEC é um dos eventos históricos do Antigo Oriente mais discutidos. Os impactos da Campanha assíria sobre o território de Judá sob o reinado de Ezequias são, no entanto, ainda tema de disputas entre os especialistas. Este artigo apresenta alguns aspectos dessa discussão, com ênfase nas modificações pelas quais Judá passou durante o domínio assírio. Para a discussão sobre a ameaça de Senaqueribe à Jerusalém e as manobras de centralização do culto religioso por Ezequias, o texto apresenta a tradução de trecho de um documento assírio inédito em português sobre o episódio. A chamada inscrição do Touro nº 6 foi recuperada durante as primeiras escavações arqueológicas no Palácio Sudoeste de Senaqueribe, em Nínive, no século XIX. Ela era uma inscrição pública, localizada entre as pernas de uma escultura de um touro alado, que guardava uma das entradas da Sala do Trono do palácio. A inscrição foi retirada de seu local original e atualmente faz parte do acervo do Museu Britânico em Londres.

Palavras-Chave: Judá; Jerusalém; Ezequias; 3ª Campanha de Senaqueribe; Inscrição do Touro nº 6.

Abstract

Sennacherib's siege of Jerusalem in 701 BCE is one of the most discussed events of the Ancient Near East. Nevertheless, the impacts of the Assyrian Campaign in Judah of the time of Hezekiah are still a matter of debate among scholars. This paper introduces the reader to some of these discussions, with an emphasis on the changes experienced in Judah under Assyrian influence. The discussion on Sennacherib's threat to Jerusalem and Hezekiah's efforts to centralize the cult is based on the translation of parts of an Assyrian document, which tells this story, presented for the first time in Portuguese. The Bull Inscription Nr. 6 was retrieved by the first archaeological excavations in Sennacherib's Southwest Palace at Nineveh during the 19th century. It was a public inscription located between the legs of a bull colossus guarding one of the entrances to the Palace's Throne Room. The inscription was removed from its original location and belongs today to the British Museum collection in London.

Key-words: Judah; Jerusalem; Hezekiah; Sennacherib's 3rd Campaign; Bull inscription Nr. 6.

Artigo submetido em 15 de novembro de 2016 e aprovado em 25 de setembro de 2017.

* Arqueóloga e Historiadora. Doutora em Arqueologia da Palestina e Estudos Bíblicos pela Universidade de Heidelberg, com apoio do CNPq/DAAD. Estuda teorias e práticas arqueológicas, sempre buscando novas formas mais críticas e éticas de se fazer Arqueologia. Tem interesse em estudos sobre o patrimônio e na aplicação da arqueologia digital em métodos de investigação e preservação do patrimônio cultural, especialmente na América do Sul e Oriente Médio. País de Origem: Brasil. E-mail: gab.rodrigues@gmail.com

Introdução

Atualmente, a importância religiosa da cidade de Jerusalém é tema inquestionável. A cidade é considerada sagrada por três das principais religiões monoteístas do mundo contemporâneo: o Judaísmo, o Cristianismo e o Islamismo. Já considerada o centro do mundo, Jerusalém é há séculos cenário de peregrinação e disputas em nome da fé. A narrativa bíblica apresenta Jerusalém como a capital da Monarquia de Davi e Salomão, o centro do poder político e religioso de um reino rico e poderoso. No entanto, ao contrário do que a tradição prega, seu papel proeminente na história não é tão antigo quanto Jerusalém em si. Sua importância na Antiguidade vem sendo questionada por historiadores e arqueólogos que desafiaram a narrativa bíblica e apresentaram uma Jerusalém bem menos gloriosa e significativa no cenário político do Antigo Oriente.

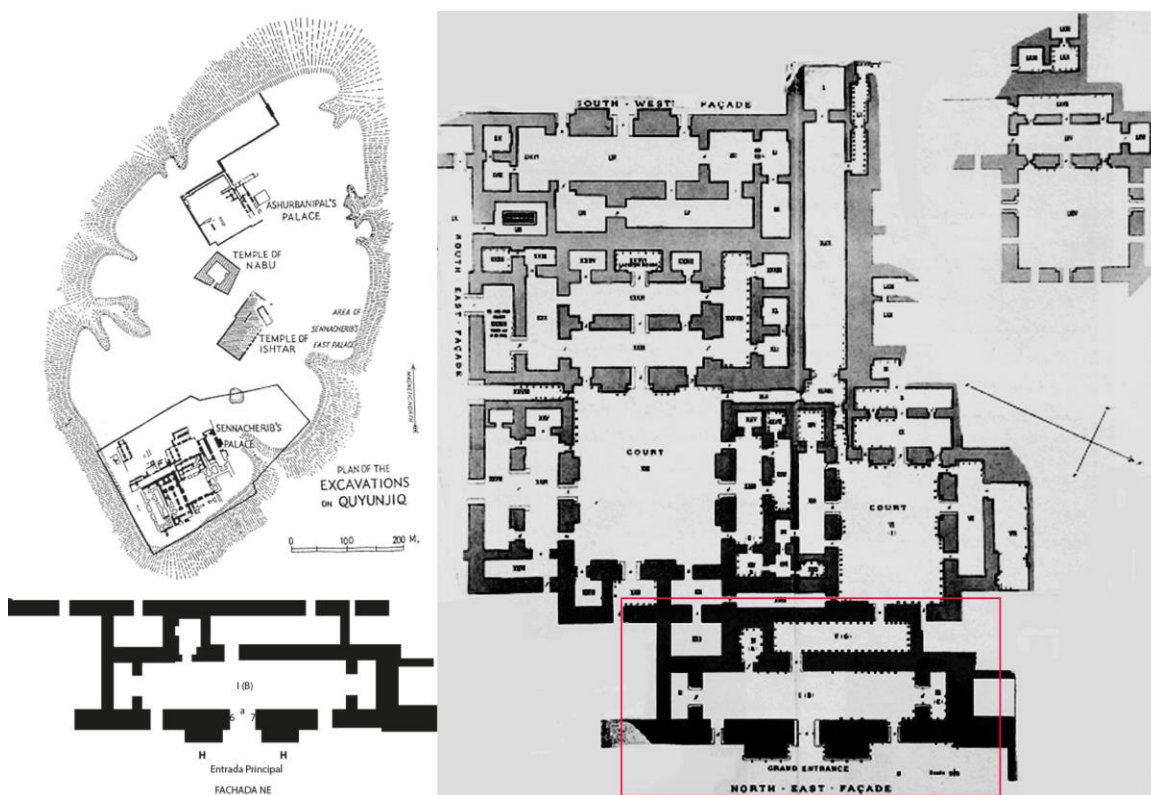
Um evento histórico específico vem sendo considerado responsável pela construção da teologia de Jerusalém como a cidade escolhida por YHWH, o deus do Antigo Testamento. Trata-se do cerco de Jerusalém pelo rei assírio Senaqueribe, em 701 AEC, que teria facilitado a centralização política e religiosa por Ezequias (KILLEBREW, 2003; BLOCH-SMITH, 2009).

Em sua 3ª campanha militar, o rei assírio teria marchado em direção ao Reino de Judá, a fim de subjugar Ezequias e controlar a revolta instaurada por ele e seus vizinhos. A investida militar de Senaqueribe no século VII AEC está entre os temas mais discutidos de todas as inscrições datadas do Império Neoassírio (745-609 AEC) (COGAN, 2000, p. 302). Essa história aparece também no texto bíblico, que apresenta Senaqueribe como o mais terrível dos reis assírios, aquele que teria praticamente destruído Judá e oferecido grande ameaça a Jerusalém até que por intervenção divina teria sido obrigado a retirar seu exército e retornar à sua capital, Nínive (Isaías 37).

Este artigo tem como objetivo introduzir o leitor às transformações passadas por Judá sob domínio assírio, ao mesmo tempo em que discute os impactos da 3ª

campanha militar de Senaqueribe sobre Jerusalém. Para isso, o texto apresenta um dos diversos registros das campanhas de Senaqueribe, um trecho de uma inscrição localizada entre as pernas, embaixo da barriga, de uma escultura colossal de um touro alado com cabeça humana (número 6, esquerda) que, juntamente com seu par à direita (touro de número 7) decorava a entrada *a* da Sala do Trono I(B) do Palácio de Senaqueribe em Nínive (Fig. 1).

Figura 1: Localização do Palácio de Senaqueribe em Nínive (acima à esquerda). Planta adaptada do original de Layard (direita) e detalhe do plano com a localização dos touros 6 e 7 (abaixo à esquerda).



Fontes: BARNETT 1998, I p.21 e II plate 15. Detalhe do plano de autoria própria.

Esse palácio foi encontrado em 1847 por exploradores britânicos, que estavam em busca de achados grandiosos e peças de grande valor museológico. Nínive despertou grande interesse entre pesquisadores europeus como a capital do rei Senaqueribe, mencionada na Bíblia também no livro de Gênesis (Gn 10:8-12) como uma das primeiras cidades construídas pelos descendentes de Noé após o

dilúvio, como a Nínive do profeta Jonas (Jn 3-4), ou a mais odiada Nínive de Naum (Na 3).

Em seu estudo sobre a história da pesquisa arqueológica em Nínive, Russell menciona que a publicação de Henry Layard – o diplomata britânico transformado em arqueólogo – de 1849 sobre suas escavações em Nínive tornou-se “o primeiro *bestseller* da literatura arqueológica” (RUSSELL, 1998, p. 12). Suas escavações no palácio de Senaqueribe trouxeram à tona inúmeras outras fontes para o estudo de seu reinado, principalmente na forma de inscrições e iconografia, que decoravam as paredes do palácio com os feitos do rei.

1 Império Neoassírio

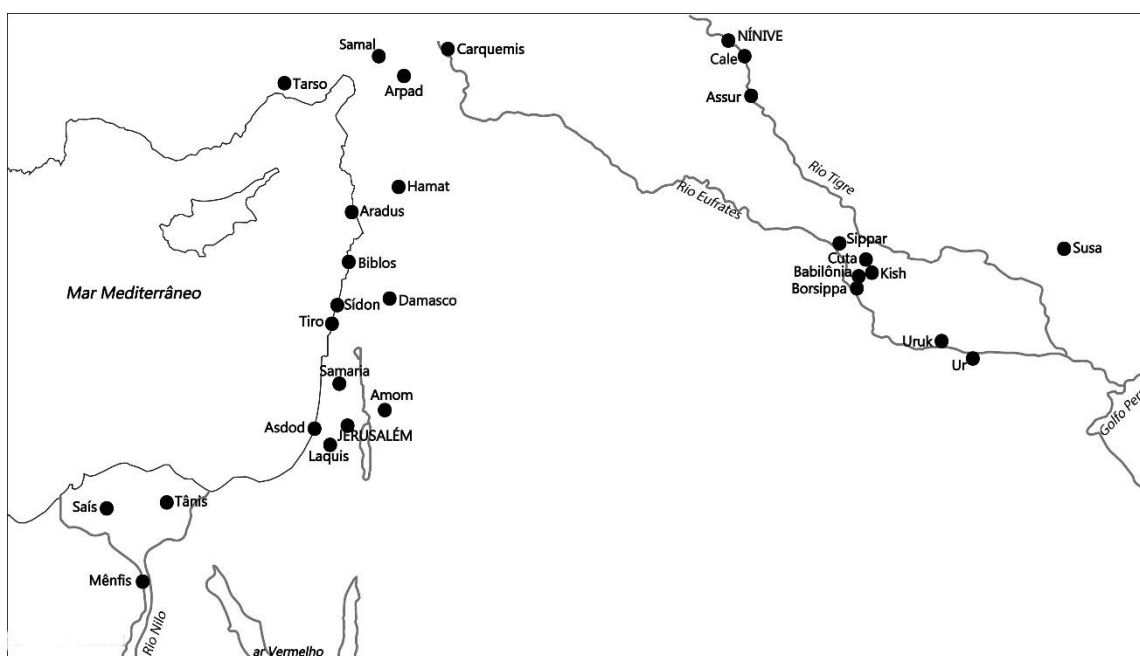
O Império Neoassírio foi um governo oriundo da região da Mesopotâmia – atual Iraque – cuja fundação deve ser atribuída a Tiglate-Pileser III. Durante seu reinado entre os anos de 745 e 727 AEC, ele foi responsável por estabelecer as políticas de Estado que definiram esse Império. Dentre elas, pode-se destacar a expansão de suas fronteiras, que foi também uma política bastante priorizada entre seus sucessores, a ponto de os estudiosos modernos falarem em uma *pax assyriaca* (MILLER, HAYES, 2006; FALES, 2008), em analogia à mais conhecida *pax romana*, período em que Roma teria controlado política e administrativamente uma grande extensão territorial, impondo certa estabilidade entre suas fronteiras. Nesse processo de *estabelecimento* de paz, cabe destacar a participação do rei Senaqueribe (704-681 AEC). A decoração de seu palácio, na parte mais antiga da capital Nínive, – construído para ser o mais grandioso dos palácios, aquele “sem rival algum”¹ – demonstra a importância de pacificar os territórios do Império.

Entre os Assírios, era tradição decorar cômodos de palácios com relevos e ter suas entradas guardadas por estátuas colossais de animais, muitas vezes alados e com cabeça humana. O palácio de Senaqueribe em Nínive era composto por cerca

¹ Senaqueribe chamou seu novo palácio de o “palácio sem rival” (*ekallu ša šānina lā iṣū*) Luckenbill (1924, p. 94–127).

de 70 cômodos, numa área construída de cerca de 200m², onde 3011m de paredes eram cobertos por relevos. Na Sala do Trono (Fig. 1), temas como a soberania sobre governos estrangeiros e a boa administração territorial eram prioridades. Os relevos do pátio VI mostravam que, além de estabelecer as fronteiras do Império, Senaqueribe se preocupou em criar um centro, uma capital que fosse forte e imbatível (RUSSELL, 1991, p. 260). Para sustentar essa imagem, no entanto, Senaqueribe não poderia aceitar qualquer revolta contra o seu governo.

Figura 2: Mapa do Antigo Oriente com cidades mencionadas no texto.



Fonte: Autoria própria.

A expansão assíria da região da Mesopotâmia rumo ao Mar Mediterrâneo consistiu, basicamente, em conquistar os chamados reinos territoriais em seu caminho e transformá-los em suas províncias – com governadores e oficiais assírios no controle – ou em Estados-vassalos, num sistema de administração indireto, no qual elites locais eram mantidas no controle, mas deveriam pagar impostos ao Império. Esse é o caso de Judá, que se torna vassalo da Assíria a partir do ano 732 AEC.

As conquistas militares, ao lado dos nomes dos reis assírios, e de suas obras arquitetônicas – como, por exemplo, a construção de palácios – foram registrados em estelas, relevos, prismas ou simples tabuinhas de cerâmica. Muitas vezes, os temas das inscrições se repetiam, adaptando-se ao suporte e ao público.

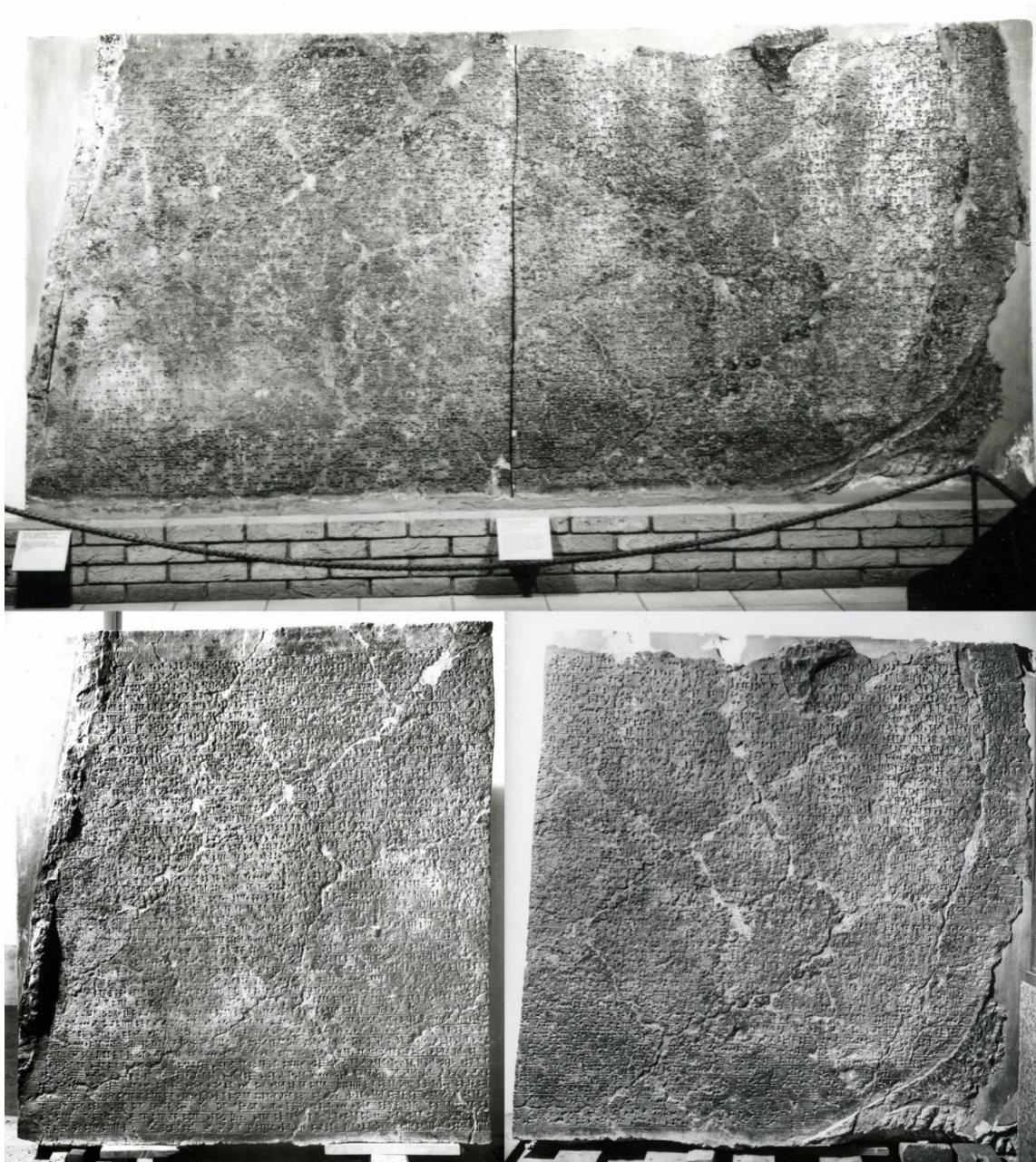
1.1 Inscrição do Touro nº 6

A “inscrição do touro 6” (BM 118815, Fig. 2) foi a primeira menção extra bíblica encontrada ao cerco de Jerusalém por Senaqueribe e ao pagamento do tributo por parte do rei Ezequias de Judá (RUSSELL, 1998; FANT, REDDISH, 2008).

Ela foi encontrada durante escavações arqueológicas britânicas sob o comando de A.H. Layard, que se iniciaram a partir de 1847 em Kouyunjik, na margem esquerda do rio Tigre, onde se localizava a antiga Nínive. No entanto, como a pesquisa sobre a escrita cuneiforme ainda era muito recente, o deciframento e a tradução da inscrição foram divulgados apenas alguns anos depois, em 1851, quando houve consenso entre os pesquisadores de que se tratava de obras do rei Senaqueribe e que o nome de Ezequias estava mencionado.

O impacto dessa divulgação na época foi muito grande e não é difícil entender o porquê: até a escrita cuneiforme ser decifrada, no século XIX, a Bíblia era praticamente a única fonte de informações sobre o Antigo Oriente, ao lado de poucas referências em autores clássicos, como Heródoto e Flávio Josefo. Esse cenário contrastava muito com o dos estudos sobre o Egito, Grécia e Roma. Por outro lado, a “inscrição do touro”, além de se apresentar como uma fonte alternativa para a narrativa bíblica, era uma fonte que corroborava a sua história.

Figura 3: Inscrição do Touro nº 6 como exibida no Museu Britânico à época da descoberta. Acima a placa completa como retirada da escultura. Abaixo, ambos os lados da inscrição em detalhe.

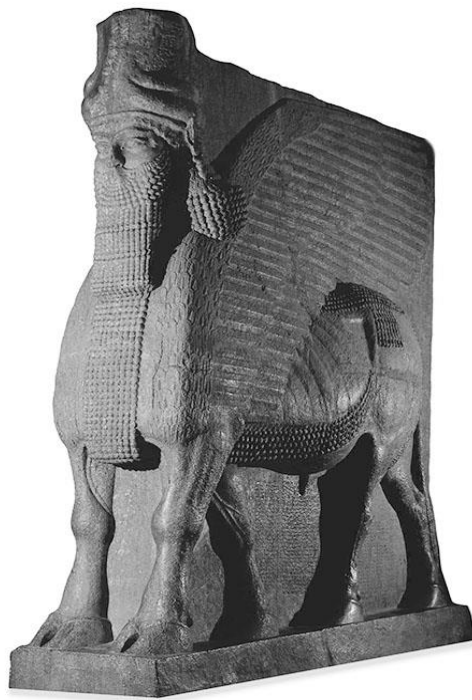


Fonte: © Trustees of the British Museum.

Outras descrições da 3ª Campanha foram encontradas posteriormente, transformando-a no evento mais bem documentado da história de Israel no

período do Primeiro Templo (KALIMI, 2014). As mais conhecidas são as versões dos Anais de Senaqueribe registradas no Cilindro de Rassam (BM 91026, datado da primavera de 700 AEC), no Prisma de Taylor (BM 91032, 691 AEC) e no Prisma do Instituto Oriental de Chicago (de 689 AEC) (COGAN, 2008; LUCKENBILL, 1927; FRAHM, 1997). O último é considerado a versão final dos Anais (LUCKENBILL, 1924; PRITCHARD, 1969, p. 287) e teve sua tradução para o português publicada em 1988 por Pinsky (Cf. 2013, p. 24–26). Apesar de trazerem as versões mais divulgadas da história do cerco de Jerusalém pelos assírios, pouco se sabe sobre a descoberta desses artefatos; ambos os prismas teriam sido negociados no mercado de antiguidades. Além disso, muito pouco foi discutido sobre os artefatos em si, sendo a mensagem que carregam o foco principal da grande maioria dos estudos publicados. Por isso, para este artigo, focaremos num documento cujas características e história de sua descoberta podem ser tão interessantes quanto a mensagem explícita que carrega.

Figura 4: Modelo de touro alado (lamassu) assírio com inscrição.



Fonte: © Trustees of the British Museum.

Como era comum na época das escavações de Layard em Nínive, a maioria dos achados foram empacotados e levados para a Europa. A “inscrição do touro 6” foi desmembrada e levada para Londres em 1856 (RUSSELL, 1991; RUSSELL, 1998, p. 218). Atualmente, ambas as placas inscritas entre as pernas dos dois touros alados encontram-se no Museu Britânico, em Londres (Figs. 2 e 3). Não há informações concretas sobre o paradeiro dos dois colossos que moldavam esta inscrição específica, mas diversos outros animais alados que guardavam salas de palácios de reis assírios podem ser encontrados em exposição nos principais museus da Europa e dos Estados Unidos. Não se sabe tampouco quais foram as condições em que as placas contendo as inscrições chegaram ao museu. Atualmente, elas estão praticamente ilegíveis, tendo seu texto sido preservado pelas publicações e pela própria tradução da época (RUSSELL, 1998; FANT, REDDISH, 2008, p. 164).

A mensagem foi gravada em relevo sobre pedra de gesso, compondo um painel de aproximadamente 2,90m de largura por 1,50m de altura. A escrita é o Cuneiforme, a língua o Acádio e sua produção foi datada entre os anos de 693 e 692 AEC, período em que a construção do palácio estava sendo finalizada. De acordo com Russel (1991, p. 243), as inscrições foram produzidas com o intuito de serem expostas no palácio, e deveriam representar uma expressão fidedigna da autoimagem pública do rei no final da década de 690 AEC. Além disso, tratava-se de uma inscrição pública, ao contrário dos prismas, que não foram produzidos para serem expostos. Ler e escrever não era, no entanto, uma habilidade muito difundida, por isso a inscrição pública, além de um meio de perpetuar a memória do rei por meio da mensagem, funcionava principalmente como uma outra forma de demonstração do poder real dentro de seu Império: por um lado, a própria presença da inscrição; por outro o controle da arte da escrita (RUSSELL, 1991, p. 8–10).

Como já ressaltara Luckenbill em 1924 (1924, p. ix), é importante considerar que muitas das fontes escritas do período assírio chegaram para nós por meio de

cópias que foram feitas e traduzidas enquanto o cuneiforme ainda era uma novidade. É uma sorte, portanto, que a narrativa dos feitos militares de Senaqueribe tenham sido registradas mais de uma vez, em diversos suportes, o que torna possível a comparação com trechos mais bem preservados.

O trecho que nos interessa dessa inscrição são as linhas 27 a 32 da 1^a coluna, que trazem a narrativa da campanha de 701 AEC contra Ezequias. Após a morte de Sargon II em batalha (705 AEC), diversas revoltas se iniciaram ao longo do território Assírio. Senaqueribe, filho e sucessor de Sargon, iniciou suas campanhas militares com o intuito de reestabelecer a ordem e garantir a manutenção do Império. Sua primeira investida foi contra as revoltas na Babilônia, em 703 AEC. Aproveitando essa situação de instabilidade, o Egito – grande inimigo assírio na disputa sobre áreas de influência na região do Levante – ofereceu proteção a Judá e, juntamente com as cidades filisteias, formaram uma aliança contra Senaqueribe. De acordo com a narrativa da 3^a campanha do rei, no ano de 701 AEC, Senaqueribe conduziu seu exército de Nínive até a Costa Mediterrânea, para coletar impostos das cidades fenícias situadas ali. Seguiu então para o sul, rumo à Filístia, onde encontrou uma força expedicionária egípcia, a qual derrotou em batalha, recuperando, assim, seu controle sobre a região. O próximo alvo seria, então, Ezequias, rei de Judá.

2 Judá – para além do Texto Bíblico

O Reino de Judá, famoso pelas histórias bíblicas era, na verdade, muito mais modesto e desinteressante do que a descrição bíblica pinta. Segundo o texto bíblico, após sua conquista por Davi no século X AEC Jerusalém se tornou o centro da Monarquia Unificada, que viveu uma era de ouro durante o governo de Salomão até a cisão, quando Israel se separa como Reino do Norte. Depois disso, Judá se consolida como o Reino protegido, em contraposição a Israel, cujo destino seria a punição divina pela rebeldia contra a casa de Davi (Cf. 1Rs 12:19, 2Rs 17:20-21, Is 5-12, Os 1:7;8:4).

Anos de pesquisa arqueológica no território de Judá mostram, no entanto, que sua história foi sempre determinada por sua condição geográfica, como uma porção espremida de terra, dentro da grande região que separava os principais poderes do Crescente Fértil: Egito ao sul, os impérios mesopotâmios, ao leste, e os do norte. Do ponto de vista demográfico, a população estimada de Judá e sua urbanização eram bastante inferiores aos de Israel, assim como os projetos públicos de construção desenvolveram-se muito antes no norte que em Judá (FINKELSTEIN, SILBERMAN, 2002, p. 149–162; MILLER, HAYES, 2006, p. 249).

Deve-se descrever Judá do século X e início do IX AEC., portanto, como um reino pequeno, com uma atividade econômica bastante modesta e isolada pelos seus vizinhos: o reino de Israel ao norte, as cidades filisteias a oeste, o governo do deserto, centrado em Tel Massos, ao sul, e o deserto ao leste. Jerusalém, sua capital, é descrita pelos estudiosos como uma pequena fortificação, habitada por um grupo reduzido de pessoas que se concentravam majoritariamente na parte da cidade conhecida como Cidade de Davi, situada a sul das muralhas da Cidade Velha atual² (Fig. 4).

2.1 Crescimento de Judá – a Idade do Ferro II

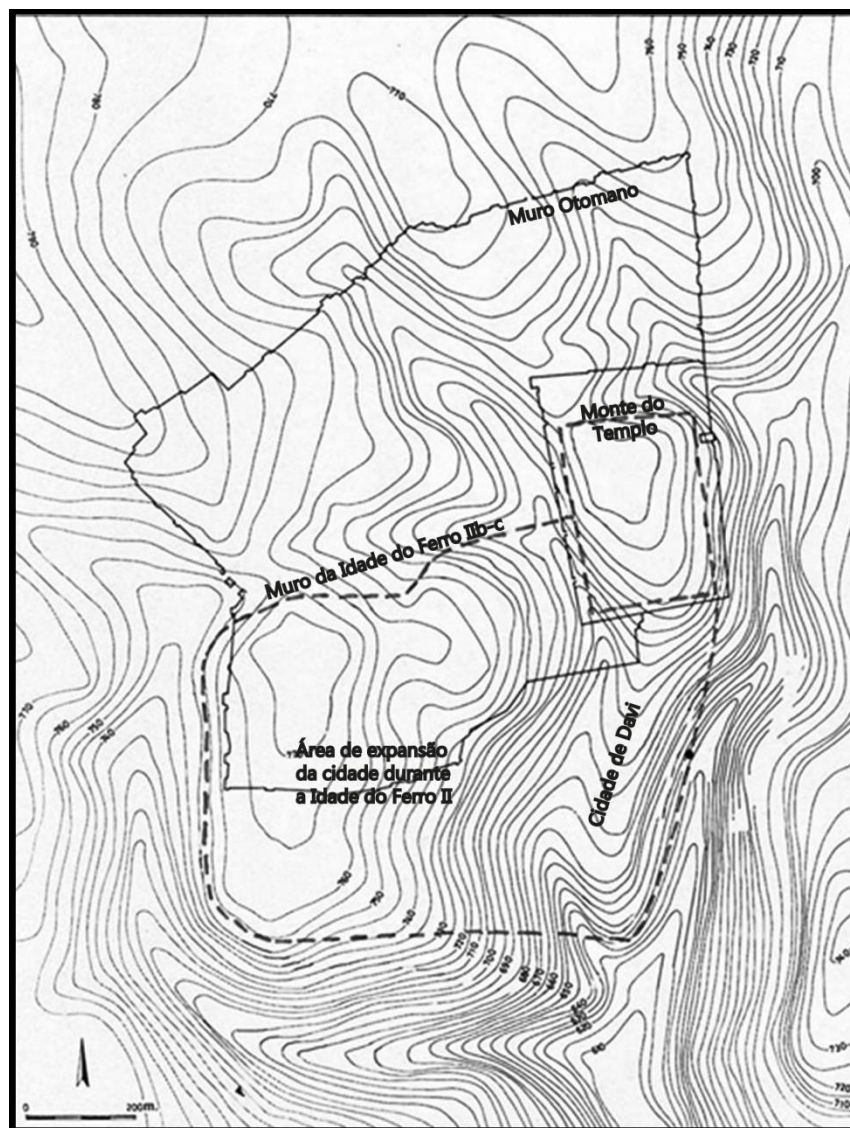
De fato, essa situação foi se modificando a favor do Reino do Sul ao longo do século IX AEC. Quando Judá se tornou vassalo do Império Assírio, provavelmente nos tempos do rei Acáz, por volta do ano de 732 AEC, já havia expandido sua área de influência para oeste e sul, aproveitando momentos de instabilidade nos sistemas que controlavam essas regiões - neste caso, o Reino de Gate e a soberania de Tel Masos, que perderam sua influência na segunda metade do século IX AEC.

A construção das cidades judaicas de Beit Shemesh (Bet-Sames) nível III (BUNIMOVITZ, LEDERMAN, 2009) e Lachish (Laquis) nível IV (USSISHKIN,

² A “Cidade Velha” como se vê hoje em Jerusalém é na verdade bastante mais recente que os episódios narrados neste artigo. Os muros que a definem são datados do período em que o Império Turco Otomano comandava a região, no século XVI EC.

2004) a oeste, Beersheva estrato V (HERZOG, 2016) e Arad estrato XI (HERZOG, 2002) ao sul não pode ser datada arqueologicamente de antes de 850 AEC³ (SERGI, 2014). Essas pesquisas mostram a presença de muros de fortificação durante a Idade do Ferro IIa (cerca de 950 a 800 AEC) nos limites do território de Judá.

Figura 5: Mapa mostrando a expansão de Jerusalém da Cidade de Davi para Oeste, durante a Idade do Ferro II.



Fonte: Adaptado de Finkelstein, Koch, Lipschits (2011).

³ A datação absoluta desse período ainda é tema de debates. Ver discussão em Finkelstein e Piasezky (2011); Mazar (2011).

Em Jerusalém, escavações na região do Quarteirão Judaico revelaram pela primeira vez a expansão da área urbana para oeste, com arquitetura doméstica datada dos séculos VIII e VII AEC (GEVA, 2000). Vestígios de muro ao longo dessa nova área da cidade e também na região da Cidade de Davi sugerem que Jerusalém foi fortificada durante esse período (KENYON, 1974; SHILOH, 1992; REICH, SHUKRON, 2003).

Pesquisas mais recentes encontraram uma grande quantidade de selos e timbres de argila (*bullae*), a maioria com motivos e escritos egípcios. Tais achados foram interpretados como selos de pacotes de entregas, pelas marcas no verso das *bullae*⁴. No mesmo contexto estratigráfico foram encontrados diversos ossos de peixe, naturalmente de origem importada. Juntos, ambas categorias de achados indicam intenso comércio com a região costeira – principalmente Fenícia e Egito –, que exigia uma estrutura bem estabelecida de preparo, conservação e transporte do produto. Isso faria do peixe um produto de alto custo, sugerindo a possibilidade de uma divisão social, com a presença de uma elite local, capaz de adquirir artigos importados (REICH, SHUKRON, LERNAU, 2007; REICH, 2011).

Nessa época, a população de Judá atingiu níveis inéditos. Uma das possíveis explicações para isso seria que, com a destruição de Israel em 722 AEC, grupos de refugiados migraram para Judá, incentivando seu crescimento demográfico (LIVERANI, 2005, p. 152; FINKELSTEIN, 2013).

Sob jugo Assírio, durante a Idade do Ferro IIb, Judá demonstrou um crescimento ainda mais acelerado e amadureceu sua economia, baseada na agricultura. Jerusalém tornou-se centro de um novo sistema administrativo que controlava a produção e o consumo de bens: um novo sistema unificado de pesos e medidas foi estabelecido e é também desse período o sistema inédito de selos estampados em jarros de cerâmica. A produção dos jarros e suas estampas em Judá

⁴ Uma *bulla* quebrada indica normalmente que ela selava um pacote ou uma carta que *chegou* ao lugar onde foi encontrada. *Bullae* intactas sugerem uma entrega que não deixou o endereço do remetente ou, como na maioria das vezes, a presença de um acervo de documentos armazenados – uma espécie de arquivo – que foram destruídos pelo fogo. Com a queima, o documento em si não se conservava, enquanto a *bulla*, feita de argila, se enrijecia pela cocção.

merecem um artigo à parte; no entanto, cabe aqui uma explicação, mesmo que rápida, desse fenômeno que exemplifica a estabilidade adquirida por Judá à época.

a) Sistema administrativo de Selos Reais

Por volta do ano 750 AEC Judá passou a padronizar a produção dos jarros de cerâmica que transportavam os bens agrícolas produzidos localmente. Com o passar dos anos, todos os jarros passaram a ser produzidos num mesmo local, na região do Shefelá (ou Vale de Elá), e tinham as mesmas características gerais: eram todos grandes e ovais, com quatro pequenas alças, caracterizando praticamente uma produção em massa dos jarros. Normalmente duas ou apenas uma das alças recebia uma forma de carimbo, antes dos jarros serem levados ao forno.

A impressão real de Judá era composta por dois elementos: texto e emblema. O emblema poderia ser de dois tipos: um escaravelho de quatro asas ou um disco solar com duas asas. Ambos os símbolos são tradicionalmente de origem egípcia, mas os motivos foram amplamente utilizados em todo Oriente Próximo antigo. Inscrita acima do emblema, vinha a mensagem “pertencente ao rei” (*lmlk*, em Hebraico למלך). Abaixo do emblema poderiam aparecer o nome de quatro cidades: Hebron, Ziph, Socoh e Mamishita. As três primeiras eram conhecidos centros de plantação de uva e azeitona, sugerindo que o selo se tratava da origem da mercadoria. 95% dos jarros encontrados estavam em Jerusalém, Laquis e Ramat Rahel, o que sustenta a tese de que esse sistema administrativo foi estabelecido para controlar a circulação dos produtos dentro do reino (LIPSCHITS, SERGI, KOCH, 2010; LIPSCHITS, SERGI, KOCH, 2011; SERGI, KARASIK, GADOT, LIPSCHITS, 2012).

b) Lachish – Centro de Poder no Shefelá

Laquis (Lachish) era a cidade mais importante de Judá depois de Jerusalém, situada a cerca de 44km ao sul da capital, no Shefelá. A cidade-fortificada de

Lachish IV foi construída no início do século IX AEC, e serviu como principal fortaleza real em Judá até ser conquistada por Senaqueribe em 701 AEC.

O cerco e a conquista de Laquis são o tema dos relevos que decoram a sala de número 36 do seu palácio em Nínive. Tratam-se de ca. 27m que ilustravam, da parede sul para a norte: o exército se preparando para o ataque, a destruição da cidade, os espólios da guerra, os prisioneiros, Senaqueribe em seu trono, carruagens e a acomodação real e o acampamento assírio (USSISHKIN, 1980; UEHLINGER, 2003). Laquis foi escavada durante anos⁵, por três principais projetos arqueológicos (pelos britânicos Starkey e Tufnell entre 1932 e 1938, de 1966 a 1968 por Aharoni e por Ussishkin, entre 1972 e 1993), que identificaram sinais de destruição completa por fogo ao longo do nível estratigráfico IV, datado de 701 AEC.

c) Ramat Rahel – Centro Administrativo de Jerusalém

O sítio de Ramat Rahel construído no início do século VII AEC a apenas 5km de Jerusalém, no acesso das principais rotas para o sul e oeste, serviu como centro de coleta de produtos agrícolas, provavelmente para serem pagos por Judá como tributo ao Império Assírio (LIPSCHITS, 2005).

Cerca de um terço dos jarros de cerâmica com a impressão *mlk* encontrados em Ramat Rahel vêm de um contexto estratigráfico bem definido, o que contribui para a datação da tipologia dos selos. Foram encontrados exemplares de todas as variações conhecidas de *mlk* utilizadas durante o período em que esse sistema administrativo existiu, até pelo menos os últimos anos do século VII AEC. A presença de elementos estranhos à tradição arquitetônica de Judá neste sítio sugere que sua construção já se deu sob influência assíria.

No entanto, de acordo com os resultados das últimas escavações, Ramat Rahel não foi destruída pelos assírios e seguiu com sua função de controlar as rotas

⁵ Desde 2014, Laquis vem sendo novamente escavada pela Universidade Hebraica de Jerusalém, em projeto liderado por Josef Garfinkel. Não há ainda resultados publicados.

para Jerusalém durante o período Persa (LIPSCHITS, GADOT, ARUBAS, OEMING, 2011).

Como explicar, então, que Laquis foi destruída por Senaqueribe e Ramat Rahel – que também exercia papel crucial na administração do Reino de Judá – foi poupada? E o que aconteceu com Jerusalém, objeto da nossa discussão?

3 O cerco de Jerusalém

Para isso, voltamos ao nosso artefato: a inscrição do touro sobre o cerco de Jerusalém, por Senaqueribe em 701 AEC. Abaixo, uma tradução de autoria própria do trecho entre as linhas 27 e 32 da 1ª coluna da inscrição do Touro 6 que, como mencionado acima, ficava exposta no Palácio de Senaqueribe em Nínive.

Na sequência, a narrativa da 3ª Campanha de Senaqueribe como descritas no texto Bíblico serão apresentadas.

3.1 A versão Assíria do Palácio de Nínive

27. [...] Sobre Ezequias, de Judá, que não se submeteu
 28. ao meu jugo, 46 das suas cidades muradas e fortes e cidades dos arredores, as quais incontáveis, eu ofereci cerco, conquistei, saqueei, contei como espólio. Ele, como um pássaro engaiolado dentro de
 29. Jerusalém, sua cidade real, eu confinei. Eu levantei muralhas de cerco contra ele. Suas cidades que eu saqueei, eu tirei de seu território e dei para
 30. os reis de Ashdod, Ashkelon, Ekron e Gaza, eu reduzi seu território. Ao tributo de antes, o pagamento entregue por suas terras, eu adicionei e estabeleci permanentemente sobre eles. Ele, Ezequias, tomado pelo aterrorizante poder
 31. do meu reino, e os soldados de elite e seus bons soldados, que ele trouxe para dentro de Jerusalém, sua cidade real, inclinados a se submeter, carregaram 30 talentos de ouro, 800 talentos de prata
 32. e todos os tipos de tesouros de seu palácio, suas filhas, as mulheres de seu palácio, os cantores e cantoras para dentro de Nínive, despachou seu mensageiro para pagar o tributo.⁶

⁶ Tradução da autora, a partir das edições de Rawlinson (1870) e Luckenbill (1924).

Segundo a inscrição, Senaqueribe destruiu grande parte de Judá, e pressionou Ezequias a se submeter novamente ao seu jugo. Pela primeira vez na sua história, Judá sofre uma destruição desse porte: todas as cidades e pequenos povoados das terras baixas, férteis, e do Vale de Beersheva foram atacados. Os campos pertencentes às cidades foram distribuídos entre Ekron, Ashdod, Ashkelon e Gaza (linhas 29 e 30).

O número de cidades sob o governo de Jerusalém capturadas por Senaqueribe chama a atenção (linha 28). Apesar de o texto não listar seus nomes, outros documentos, como os baixo-relevo sobre o cerco de Laquis ajudam a traçar seu percurso (UEHLINGER, 2003). O exército assírio havia tomado cidades fortificadas e centros administrativos; após a destruição de Laquis em 701 AEC, eles controlavam as principais rotas de acesso a Jerusalém, pelo Shefelá e pelo Negev (USSISHKIN, 2014). Estudos sugerem que o exército assírio procurou assegurar as cidades do norte do Shefelá, para que pudessem focar em Ekron, que teria sido o primeiro foco da rebelião, sem ter seu flanco leste ameaçado por Ezequias. Com isso, Jerusalém ficava isolada, sem acesso ao litoral – o que não só interrompia o comércio, mas garantia que Judá não recebesse nenhuma assistência do Egito, arqui-inimigo dos assírios (COGAN, 2000; RAINEY, NOTLEY, 2006; BLOCH-SMITH, 2009).

De acordo com as narrativas da 3ª campanha, os governantes enfrentados por Senaqueribe apresentam um comportamento gradativo: os primeiros são mais covardes e submissos até os mais resistentes (COGAN, 2014). Como esperado, o todo-poderoso rei assírio é capaz de retomar o controle sobre cada um deles, por meio do restabelecimento do recolhimento de tributos. Ezequias, por sua vez, é apresentado no registro assírio como o rebelde mais obstinado de todos (BEN ZVI, 2003). Seu crime: não ter se submetido ao jugo assírio (linhas 27 e 28). Em outra passagem do texto, relativa a Ekron, Ezequias também é acusado de ter mantido o rei vassalo dos assírios em Ekron cativo em Jerusalém após o início da rebelião (linha 25 e 26).

É importante notar, no entanto, que nas primeiras versões dos Anais de Senaqueribe (p.ex. no Cilindro de Rassam), não há menção a faltas cometidas por Ezequias. Em contrapartida, versões posteriores – como o Prisma de Chicago – não apenas mencionam sua rebeldia, como o apresentam como o rei forte e poderoso de um vasto território.

No entanto, nem sua rebeldia nem seu poder foram eficazes contra Senaqueribe e Ezequias – desta vez no papel de anti-herói incapaz de se defender – rende-se com todo vigor ao jugo assírio, oferecendo tributo para salvar sua capital e o que havia restado de seu reino (linhas 31 e 32).

As eficientes táticas de avanço e cerco aplicadas pelo exército de Senaqueribe já eram tradição entre os assírios, que contavam com a máquina de guerra mais eficiente da época. Tiglate-Pileser III, por exemplo, já teria confinado Rezin, rei de Damasco “como um pássaro numa gaiola” (Texto 23 dos Anais, linha 11) em 732 AEC (COGAN, 2014). Sob tamanha ameaça, Ezequias pagou o maior tributo recebido por Senaqueribe ao longo de toda a 3ª campanha (COGAN, 2014, p. 69). De toda forma, o território de Judá ficou reduzido à região de Jerusalém, entre Gibeão e Ramat Rahel e retornou ao jugo assírio por mais cem anos, sem nunca recuperar o poder que teve antes da 3ª campanha de Senaqueribe (LIPSCHITS, 2005).

3.2 A Narrativa Bíblica do Segundo Livro de Reis

Na versão do segundo livro de Reis (18-19), o anti-herói é o rei Assírio, que blasfema contra YHWH, ao seguir com os planos de destruir Jerusalém mesmo após a rendição de Ezequias. Isso porque, contra as expectativas criadas no texto, Senaqueribe passa de um líder determinado de uma campanha bem-sucedida – conquistando todas as cidades fortificadas de Judá (2Re 18;13) – ao responsável pela morte de seus soldados, durante o cerco de Jerusalém (BEN ZVI, 2003). Quando Senaqueribe parecia imbatível, Ezequias reconhece seu pecado diante de

YHWH – por fazer aliança com o Egito⁷, anexar territórios dos filisteus, e manter cativo Padi, de Ekron – oferece sua submissão aos assírios e restabelece a aliança divina. Sendo assim, YHWH intercede por Jerusalém e a salva da destruição iminente, ao enviar seu “anjo” em um ataque noturno ao acampamento de Senaqueribe (2Re 19:35-37).

Fica claro, que dentre as intenções do autor do livro de Reis, evidenciar o contraste entre Israel e Judá era uma tarefa de extrema importância. A maioria das informações históricas contidas em Reis apresentam os reis de Judá após a Monarquia Unificada em contraposição aos seus pares do Reino do Norte (Cf. 1Re 15:17-22; 22:1-38; 45; 48-50; 2Re3:3-27; 8:18-19; 28-29; *et passim*). A construção ideológica de que ambos os reinos que, separados por cerca de dois séculos, compartilhavam de um mesmo passado e formavam uma mesma nação, colocava em Judá a perspectiva de continuidade. Sendo assim, Ezequias se torna o responsável por reestabelecer a Dinastia de Davi, em sua capital eterna, a cidade escolhida por YHWH.

3.3 A Narrativa Bíblica do Segundo Livro de Crônicas

A narrativa do cerco de Jerusalém em Isaías (36-37) é bastante semelhante à de Reis. Já o segundo livro de Crônicas, oferece uma narrativa alternativa dos acontecimentos, com uma proposta teológica distinta. As intenções de YHWH em relação a Judá são temas comuns, porém, a ênfase em Jerusalém é uma característica particular das Crônicas (DENNERLEIN, 1999). Um quarto de todas as menções a Jerusalém na Bíblia são de Crônicas (BEENTJES, 1996); a cidade é diversas vezes apresentada como divinamente escolhida, onde o nome de YHWH existiria para sempre (2Cr 33:4). Em mensagem enviada de Laquis a Jerusalém, Senaqueribe nomeia YHWH “o Deus de Jerusalém” (2Cr 32:19).

⁷ A participação do Egito nessa rebelião contra o Império Neoassírio é bastante controversa, visto que há poucos documentos egípcios sobre o período. Cf. Hoffmeier (2003a); Roberts (2003); Hoffmeier (2003b).

Crônicas são escritos considerados posteriores a Isaías e Reis, datados do início do século IV AEC, quando Jerusalém era a parte da província aquemênida de Yehud (Judá). Nesse período, apesar de Jerusalém dotar de uma posição importante para a economia e identidade dos habitantes da província, a cidade havia retornado à situação de um centro urbano pequeno, cujo templo, longe de ser o único dedicado a YHWH, disputava com outros templos, dentro e fora de Judá. Ezequias, sua correção perante YHWH e suas práticas centralizadoras são pontos centrais dessa teologia (KNOPPERS, 2003).

Considerações finais

Não há consenso entre os estudiosos do tema sobre até que ponto o avanço assírio para oeste teria contribuído para a centralização do culto religioso em Jerusalém. Há aqueles (AVIGAD, 1983; VAUGHN, 1999; BLOCH-SMITH, 2009) que defendem que a ameaça do poder assírio teria influenciado mudanças de ordem ideológicas em Judá, que teriam se intensificado no governo de Ezequias sob a forma de reformas religiosas. Segundo essa interpretação, as tentativas de centralizar o culto, assim como a centralização administrativa e as novidades arquitetônicas, como a construção de muralhas, teriam o objetivo principal de fortalecer Jerusalém perante a ameaça de invasão estrangeira.

Do ponto de vista histórico, no entanto, as estratégias de Ezequias tiveram impacto muito negativo sobre Judá, provocando a destruição de suas principais cidades e a deportação de muitos de seus habitantes. Jerusalém foi preservada, porém toda a riqueza do reino foi dada em tributo. Considerando o ataque à Laquis, não há dúvidas de que o exército assírio teria condições de destruir Jerusalém, e colocar um ponto final no reinado de Ezequias. Segundo as narrativas, Senaqueribe se dá por satisfeito com o tributo generoso e a (re-)submissão do rei de Judá. Com desfecho tão bem-sucedido, a não-destruição de Jerusalém jamais seria questionada, por parte dos assírios. Por outro lado, Jerusalém sobrevive como o único grande centro urbano de Judá e seu templo de YHWH como o único

restante. Em outras palavras, a campanha militar de Senaqueribe à Judá acabou autorizando a criação de uma Jerusalém eterna.

Não se deve atribuir *exclusivamente* ao domínio assírio uma transformação cultural tão importante como a centralização do culto a YHWH em Jerusalém. Ademais, justificar o desenvolvimento de Judá como resultado dessa influência estrangeira acaba por desconsiderar os aspectos internos e a capacidade de atuação de sua própria população. Muitas das transformações em Judá devem ser atribuídas a um processo natural de formação de um Estado. No entanto, é seguro afirmar que há uma relação direta, do ponto de vista da cultura material, entre Judá estabelecer uma situação econômica segura e baseada numa agricultura centralizada pelo governo no século VIII AEC e o impacto do domínio assírio sobre o desenvolvimento do Reino do Sul.

Para concluir, a despeito da influência sobre a tradição de Jerusalém, seu cerco por Senaqueribe em 701 AEC entrou para a historiografia como um “evento mundial” (*world event*) (RICHARDSON, 2014), que teria impactado o desenvolvimento histórico de diferentes grupos, ligados pelo Império Neoassírio, como a Babilônia, a Anatólia, a Síria, Canaã, o Egito e a Núbia (KALIMI, RICHARDSON, 2014). Com o crescimento do Império Neoassírio – da campanha de Tiglate-Pileser III em 734 AEC à de Senaqueribe em 701 AEC – todo o Levante passou por uma reconfiguração política, administrativa e demográfica, sem precedentes históricos. Além disso, a reprodução de documentos sobre tal evento – nos registros mesopotâmios, na Bíblia Hebraica, mas também em tradições aramaicas, em fontes gregas (e.g. Heródoto) e romanas (e.g. Flávio Josefo) sobre o oriente, em escritos árabes (HOLM, 2014; ULMER, 2014; VERHEYDEN, 2014), reverberando até a Europa do século XIX (HOLLOWAY, 2006) formaram o cerne de uma tradição literária sobre Ocidente e Oriente.

REFERÊNCIAS

- AVIGAD, N. **Discovering Jerusalem**. Nashville: T. Nelson, 1983.
- BARNETT, R.D.; BLEIBTREU, E.; TURNER, G. (Ed.). **Sculptures from the Southwest Palace of Sennacherib at Nineveh**. London: British Museum Press, 1998. (I).
- BARNETT, Richard D.; BLEIBTREU, Erika; TURNER, Geoffrey (Ed.). **Sculptures from the Southwest Palace of Sennacherib at Nineveh: Plates**. London: British Museum Press, 1998. (II).
- BEENTJES, P.C. Jerusalem in the Book of Chronicles. In: POORTHUIS, M.; SAFRAI, C. (Org.). **The Centrality of Jerusalem: Historical perspectives**. Kampen: Kok Pharos, 1996, p. 15–28.
- BEN ZVI, E. Malleability and its limits: Sennacherib’s Campaign against Judah as a case study. In: GRABBE, L. L. (Org.). **“Like a bird in a cage”**: The invasion of Sennacherib in 701 BCE. London: Sheffield Academic Press, 2003, p. 73–105.
- BLOCH-SMITH, E. Assyrian Abet Israelite Cultic Reforms: Sennacherib and the Centralization of the Israelite Cult. In: SCHLOEN, J. D.; STAGER, L. E. (Org.). **Exploring the Longue Durée: Essays in honor of Lawrence E. Stager**. Winona Lake, Ind: Eisenbrauns, 2009, p. 35–44.
- BUNIMOVITZ, S.; LEDERMAN, Z. The Archaeology of Border Communities: Renewed Excavations at Tel Beth-Shemesh, Part I: The Iron Age. *NEA*, Boston, v. 72, n. 3, p. 114–142, 2009.
- COGAN, M. Cross-examining the Assyrian Witnesses to Sennacherib’s Third Campaign: Assessing the Limits of Historical Reconstruction. In: KALIMI, I.; RICHARDSON, S. (Org.). **Sennacherib at the gates of Jerusalem: Story, history and historiography**. Leiden: Brill, 2014, p. 51–74.
- COGAN, M. Sennacherib’s siege of Jerusalem. In: HALLO, W. W. (Org.). **The context of scripture: Monumental inscriptions from the biblical world**. Leiden: Brill, 2000, p. 302–303.
- COGAN, M. **The raging torrent: Historical inscriptions from Assyria and Babylonia relating to ancient Israel**. Jerusalem: Carta, 2008.
- DENNERLEIN, N. **Die Bedeutung Jerusalems in den Chronikbüchern**. Frankfurt am Main/New York: P. Lang, 1999. (Beiträge zur Erforschung des Alten Testaments und des antiken Judentums, Bd. 46).
- FALES, F. M. On Pax Assyriaca in Eighth-Seventh Centuries BCE and Its Implications. In: COHEN, R.; WESTBROOK, R. (Org.). **Isaiah’s Vision of Peace in Biblical and Modern International Relations: Swords into Plowshares**. Basingstroke: Raymond Cohen, 2008, p. 17–35.

FANT, C. E.; REDDISH, M. G. **Lost treasures of the Bible**: Understanding the Bible through archaeological artifacts in world museums. Grand Rapids, Mich: William B. Eerdmans Pub. Co., 2008.

FINKELSTEIN, I. **The forgotten kingdom**: The archaeology and history of Northern Israel, 2013. (Ancient Near East monographs, Number 5).

FINKELSTEIN, I.; KOCH, I.; LIPSCHITS, O. The Mound on the Mount: A Possible Solution to the "Problem with Jerusalem". **Journal of Hebrew Scriptures**, Edmonton, v. 11, 2011.

FINKELSTEIN, I.; PIASETZKY, E. The Iron Age Chronology Debate: Is the Gap Narrowing? **NEA**, Boston, v. 74, n. 1, p. 50–54, 2011.

FINKELSTEIN, I.; SILBERMAN, N. A. **The Bible unearthed**: Archaeology's new vision of ancient Israel. New York/London: Touchstone, 2002.

FRAHM, E. **Einleitung in die Sanherib-Inschriften**. Wien: Institut für Orientalistik der Universität, 1997. (Archiv für Orientforschung, Beiheft 26).

GEVA, H. **Jewish quarter excavations in the old city of Jerusalem conducted by Nahman Avigad, 1969 - 1982**: Architecture and Stratigraphy: Areas A, W and X-2. Jerusalem: Israel Exploration Soc, 2000.

HERZOG, Z. The Fortress Mound at Tel Arad an Interim Report. **Tel Aviv**, Israel, v. 29, n. 1, p. 3–109, 2002.

HERZOG, Z. Topography and Stratigraphy. In: HERZOG, Z.; SINGER-AVITZ, L. (Org.). **Beer-Sheba III**: The early iron IIA enclosed settlement and the late iron IIA-iron IIB cities. Winona Lake, Indiana: Eisenbrauns, 2016.

HOFFMEIER, J. K. Egypt's Role in the Events of 701 BCE in Jerusalem. In: VAUGHN, A. G.; KILLEBREW, A. E. (Org.). **Jerusalem in Bible and archaeology**: The First Temple period. Atlanta: Society of Biblical Literature, 2003a, p. 219–234.

HOFFMEIER, J. K. Egypt's Role in the Events of 701 BCE: A Rejoinder to J.J.M. Roberts. In: VAUGHN, A. G.; KILLEBREW, A. E. (Org.). **Jerusalem in Bible and archaeology**: The First Temple period. Atlanta: Society of Biblical Literature, 2003b, p. 285–289.

HOLLOWAY, S. W. God Save Our Gracious King: Sennacherib, the Toast of Victorian England. **Proceedings - Eastern Great Lakes Midwest Region of the Society of Biblical Literature**, Grand Rapids, v. 26, p. 23–33, 2006.

HOLM, T. L. Memories of Sennacherib in Aramaic Tradition. In: KALIMI, I.; RICHARDSON, S. (Org.). **Sennacherib at the gates of Jerusalem**: Story, history and historiography. Leiden: Brill, 2014. (Culture and history of the ancient Near East, v. 71), p. 295–323.

KALIMI, I. Sennacherib's Campaign to Judah: The Chronicler's view compared with its "Biblical" Sources. In KALIMI, I.; RICHARDSON, S. (Org.). **Sennacherib at the gates of Jerusalem: Story, history and historiography**. Leiden: Brill, 2014. (Culture and history of the ancient Near East, v. 71), p. 11–50.

KALIMI, I.; RICHARDSON, S. Sennacherib at the Gates of Jerusalem: Story, History and Historiography - an Introduction. In: KALIMI, I.; RICHARDSON, S. (Org.). **Sennacherib at the gates of Jerusalem: Story, history and historiography**. Leiden: Brill, 2014. (Culture and history of the ancient Near East, v. 71), p. 1–7.

KENYON, K. M. **Digging up Jerusalem**. London: Benn, 1974.

KILLEBREW, A. E. Biblical Jerusalem: An Archaeological Assessment. In: VAUGHN, A. G.; KILLEBREW, A. E. (Org.). **Jerusalem in Bible and archaeology: The First Temple period**. Atlanta: Society of Biblical Literature, 2003, p. 329–345.

KNOPPERS, G. N. "The City YHWH has Chosen": The Chronicler's Promotion of Jerusalem in Light of Recent Archaeology. In: VAUGHN, A. G.; KILLEBREW, A. E. (Org.). **Jerusalem in Bible and archaeology: The First Temple period**. Atlanta: Society of Biblical Literature, 2003, p. 307–326.

LIPSCHITS, O. **The fall and rise of Jerusalem: Judah under Babylonian rule**. Winona Lake, Ind: Eisenbrauns, 2005.

LIPSCHITS, O.; GADOT, Y.; ARUBAS, B.; OEMING, M. Palace and Village, Paradise and Oblivion: Unraveling the Secrets of Ramat Raḥel. **NEA**, Boston, v. 74, n. 1, p. 1–49, 2011.

LIPSCHITS, O.; SERGI, O.; KOCH, I. Judahite Stamped and Incised Jar Handles: A Tool for Studying the History of Late Monarchic Judah. **Tel Aviv**, Israel, v. 38, n. 1, p. 5–41, 2011.

LIPSCHITS, O.; SERGI, O.; KOCH, I. Royal Judahite Jar Handles: Reconsidering the Chronology of the lmlk Stamp Impressions. **Tel Aviv**, Israel, v. 37, n. 1, p. 3–32, 2010.

LIVERANI, M. **Israel's history and the history of Israel**. London/Oakville, CT: Equinox, 2005.

LUCKENBILL, D. D. **Ancient Records of Assyria and Babylonia: Historical Records of Assyria from Sargon to the End**. Chicago: Univ. of Chicago Pr, 1927.

LUCKENBILL, D. D. **The annals of Sennacherib**. Chicago: Univ. of Chicago Pr, 1924.

MAZAR, A. The Iron Age Chronology Debate: Is the Gap Narrowing? Another Viewpoint. **NEA**, Boston, v. 74, n. 2, p. 105–111, 2011.

MILLER, J. M.; HAYES, J. H. **A history of ancient Israel and Judah**. 2. ed. Louisville, Ky: Westminster John Knox Press, 2006.

PINSKY, J. **100 textos de História Antiga**. 10. ed. São Paulo: Contexto, 2013. (Textos e documentos, 1).

PRITCHARD, J. B. (Ed.). **Ancient Near Eastern texts**: Relating to the Old Testament. 3. ed. Princeton: Princeton University Press, 1969.

RAINEY, A. F.; NOTLEY, R. S. **The sacred bridge**: Carta's atlas of the Biblical world. Jerusalem: Carta, 2006.

RAWLINSON, H. C. **The Cuneiform Inscriptions of Western Asia**: A selection from the miscellaneous Inscriptions of Assyria. London: British Museum, 1870.

REICH, R. **Excavating the City of David**: Where Jerusalem's history began. Jerusalem: Israel Exploration Society, 2011.

REICH, R.; SHUKRON, E. The Urban Development of Jerusalem in the Late Eighth Century BCE. In: VAUGHN, A. G.; KILLEBREW, A. E. (Org.). **Jerusalem in Bible and archaeology**: The First Temple period. Atlanta: Society of Biblical Literature, 2003.

REICH, R.; SHUKRON, E.; LERNAU, O. Recent Discoveries in the City of David, Jerusalem. **IEJ**, Jerusalem, v. 57, p. 153–169, 2007.

RICHARDSON, S. The First “World Event”: Sennacherib at Jerusalem. In: KALIMI, I.; RICHARDSON, S. (Org.). **Sennacherib at the gates of Jerusalem**: Story, history and historiography. Leiden: Brill, 2014. (Culture and history of the ancient Near East, v. 71), p. 433–505.

ROBERTS, J. J. M. Egypt, Assyria, Isaiah, and the Ashdod Affair: An Alternative Proposal. In: VAUGHN, A. G.; KILLEBREW, A. E. (Org.). **Jerusalem in Bible and archaeology**: The First Temple period. Atlanta: Society of Biblical Literature, 2003, p. 265–283.

RUSSELL, J. M. **Sennacherib's Palace without rival at Nineveh**. Chicago: Univ. of Chicago Pr, 1991.

RUSSELL, J. M. **The final sack of Nineveh**: The discovery, documentation, and destruction of King Sennacherib's throne room at Nineveh, Iraq. New Haven: Yale University Press, 1998.

SERGI, O. Judah's Expansion in Historical Context. **Tel Aviv**, Israel, v. 40, n. 2, p. 226–246, 2014.

SERGI, O.; KARASIK, A.; GADOT, Y.; LIPSCHITS, O. The Royal Judahite Storage Jar: A Computer-Generated Typology and Its Archaeological and Historical Implications. **Tel Aviv**, Israel, v. 39, n. 1, p. 64–92, 2012.

SHILOH, Y. **City of David Excavations**: Final Report III. Jerusalem: The Institute of Archaeology, 1992.

UEHLINGER, C. Clio in a World of Pictures: Another Look at the Lachish Reliefs from Sennacherib's Southwestern Palace at Nineveh. In: GRABBE, L. L. (Org.). **“Like a bird in a cage”**: The invasion of Sennacherib in 701 BCE. London: Sheffield Academic Press, 2003, p. 221–305.

ULMER, R. Sennacherib in Midrashic and Related Literature: Inscribing History in Midrash. In: KALIMI, I.; RICHARDSON, S. (Org.). **Sennacherib at the gates of Jerusalem: Story, history and historiography**. Leiden: Brill, 2014. (Culture and history of the ancient Near East, v. 71), p. 347–387.

USSISHKIN, D. Sennacherib's Campaign to Judah: The Archaeological Perspective with an Emphasis on Lachish and Jerusalem. In: KALIMI, I.; RICHARDSON, S. (Org.). **Sennacherib at the gates of Jerusalem: Story, history and historiography**. Leiden: Brill, 2014. (Culture and history of the ancient Near East, v. 71), p. 75–103.

USSISHKIN, D. The “Lachish Relieves” and the city of Lachish. **Israel Exploration Journal**, Jerusalem, v. 30, p. 174–195, 1980.

USSISHKIN, D. A Synopsis of the Stratigraphical, Chronological and Historical Issues. In: USSISHKIN, D. (Org.). **The New Archaeological Excavations at Lachish (1973-1994)**. Tel Aviv: Tel Aviv University, 2004, p. 50–119.

VAUGHN, A. G. **Theology, history, and archaeology in the Chronicler's account of Hezekiah**. Atlanta: Scholars Press, 1999. (Archaeology and biblical studies, n. 4).

VERHEYDEN, J. The Devil in Person, The Devil in Disguise: Looking for King Sennacherib in Early Christian Literature. In: KALIMI, I.; RICHARDSON, S. (Org.). **Sennacherib at the gates of Jerusalem: Story, history and historiography**. Leiden: Brill, 2014. (Culture and history of the ancient Near East, v. 71), p. 389–431.